

CONTO

# Vista, observada e percebida

AS CERTEZAS DO MEU AMOR POR VOCÊ.

**Kaeme Monteiro**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

kaeme20230036262@alu.uern.br

Você.

Estou falando contigo. Não de uma forma que você me escute, mas meu corpo e meu olhar estão direcionados aos rios que correm sem direção exata na penumbra de uma floresta às nove e vinte da noite. Isto é: seus mistérios.

Analiso-te tal qual partícula microscópica ainda não identificada, ou aos céus estrelados que se perdem na sua imensidão inexata.

Você já quis muito ser notado?

Não somente ser notado, como “amei seu moletom branco”, mas percebido, ao ponto de conhecer o seu braço esquerdo em uma fotografia porque nele tem vinte e um sinais.

Caminho pelas ruas, hoje com os pés no chão. Geralmente estaria na minha bicicleta, mas decidi que caminhar me traria a tranquilidade de observar a vida. Ou a falta dela. Às vezes, só respiramos. Isso não significa que há vida. Então saí com os pés no chão, procurando uma motivação para continuar respirando.

Cansei.

No meio do caminho decidi pegar o primeiro ônibus que me levasse para qualquer direção perto de onde eu queria chegar. De repente, sem chegar em nenhum lugar, encontrei o meu destino, ali, ao meu lado, me observando. Um garoto de olhar subjetivo, cabelo curto e parcialmente ondulado que escorria sobre seus óculos. Eu amo garotos de óculos. Talvez eles consigam me perceber por completo.

Ele puxou assunto e me perguntou para onde eu iria. Até aquele ponto, acho que não precisava mais ir a lugar algum, pois eu já tinha chegado onde queria. Ao meu destino. Mas respondi que desceria no ponto mais distante. Ele olhou para mim com um certo contentamento, como quem pensa que teria mais tempo para me conhecer. Subimos no ônibus. Ele me perguntou sobre minha vida. Onde eu morava, onde eu trabalhava e qualquer outro detalhe que eu pudesse deixar escapar. Respondi tudo. Não perguntei muito. Estava com medo de saber demais. O conhecimento pode ser disruptivo. Eu não queria destruir o meu destino em quarenta minutos. Então me interessei pelo simples: nome, idade e o que ele fazia.

Chegamos onde ele precisava descer. Ele não me pediu meu número. Estranho. Talvez eu deva me contentar em acabar o meu destino em quarenta minutos. Uma dor de algo que dura tão pouco pode ser até reconfortante. Morrer agora significa não morrer para mim depois.

Desci no próximo ponto, peguei outro ônibus, desta vez de volta para casa. Abri minha bolsa para pegar as chaves e encontrei, junto delas, um pedaço de papel. Era o número



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL3868-ERKM

**Recebido**

23 de novembro de 2025

**Aprovado**

22 de dezembro de 2025

**Edição**

Lury Morais

**Revisão**

Clarisse Ferreira da Silva

dele. Fiquei feliz.

Assim que entrei em casa, peguei meu telefone e liguei. Com a coragem de quem não tinha nada a perder. Ele atendeu. Logo ouvi aquela risada íntima e pouco expressiva, mas gostosa de ouvir. Conversamos bastante e ele me perguntou o que eu iria fazer no fim de semana. Eu estava bastante ocupada, na verdade. Mas encontrei um espaço no domingo à tarde e marcamos de nos encontrar no parque da cidade. Foi o lugar perfeito. Percebi que o silêncio dele era reconfortante. Ele trouxe uma paz que eu tinha perdido há algum tempo, parecia me manter com os pés no chão, enraizados como as árvores que nos observavam. Eu fixei o meu olhar no dele, até que ele me beijasse. Quando nos beijamos a brisa leve soprou nos nossos rostos. Os pássaros trouxeram o canto sutil e algumas folhas caíram sobre os nossos cabelos. Fiquei em algum lugar no espaço-tempo que gritava que aquele era o meu destino.

A partir dali, passamos a nos encontrar todos os domingos. A maioria das vezes eu chamava. A cada encontro eu entendia que ele era a pessoa para mim. E tudo que eu tentava era ser a garota dos seus olhos.

Ontem eu tentei ligar para ele. Ninguém atendeu. Talvez ele não estivesse em casa. Esperei por um retorno. Agora já fazem dois dias que espero que ele retorne. Me rasgo em dúvidas. Penso que talvez ele tenha morrido. Me acalmo mais. Dessa forma, eu não teria que lidar com as incertezas do seu amor por mim.

Espero mais um dia. Talvez ele esteja passando por problemas com a família. O que eu, uma estranha, que ele está conhecendo há três meses poderia fazer para ajudar em tramas familiares tão profundas? Nada. Me acalmo mais. Dessa forma, eu não teria que lidar com as incertezas do seu amor por mim.

Não estou calma. Espero mais dois dias. Liguei novamente, de madrugada. Ele definitivamente estava em casa. Agora ele não me atendeu porque não quis. Me mordo de dúvidas sobre o amor dele por mim. Talvez ele estivesse num sono muito pesado. Me acalmo mais. Dessa forma, eu não teria que lidar com as incertezas do seu amor por mim.

Uma semana se passou. Já me perdi e me encontrei. Agora decidi que vou ligar no mesmo horário de todos os outros domingos. O telefone toca, meu peito vibra. Estou completamente viva. Ele atende. Com um sorriso no rosto comemorei por ele ter atendido. Agradeço e digo que eu estava com muita saudade dele. A ligação caiu. Ele desligou, sem dizer uma palavra. Talvez a energia do bairro dele tenha caído. Me acalmo mais. Dessa forma, eu não teria que lidar com as incertezas do seu amor por mim.

Agora um novo dia. Largo minha bicicleta de lado e vou novamente caminhando até a estação do destino. Onde ele me encontrou. Porque ele me encontrou. Chego vinte minutos mais cedo do horário que ele geralmente chega. De longe, vejo ele chegando. De repente, ele parou, olhou no meu olho, virou para trás e seguiu o caminho oposto. Fiquei sentada, esperando. Ele pode ter esquecido alguma coisa e voltou para buscar. Vinte e cinco minutos depois, vejo um ônibus diferente passando. Ele estava lá. Virou o rosto para o lado, mas aquela silhueta eu conheceria em qualquer lugar. Talvez ele precisasse chegar mais cedo e teve que pegar outro ônibus. Dessa forma, eu não teria que lidar com as incertezas do seu amor por mim.

Volto para casa. Passo a noite em claro. Estou pensando em como posso fazer para ser percebida. Pior: em que momento ele parou de me notar? Como devo saber se ainda sou amada? Ele nem me disse isso... Talvez precise perceber que eu estou lá para poder falar comigo. O sol está nascendo. Tomei um banho e coloquei a mesma roupa do

primeiro dia que nos encontramos. Assim ele verá que sou a mesma. Passei um perfume floral e retoquei os lábios com um batom bem leve. Fui em direção ao prédio onde ele mora. Sei que ele sai às sete da manhã. Ainda é cedo. Disse ao porteiro que iria fazer uma surpresa de aniversário. O aniversário dele foi há cinco meses. Ele já me conhecia de outros domingos que precisei vir para cá. Então, ele permitiu a minha entrada. Subi. Cheguei na porta dele e não tive coragem de bater. Dessa forma, eu não teria que lidar com as incertezas do seu amor por mim. Continuei subindo até a cobertura. Talvez, se eu me aproximasse de Deus, ele poderia me ouvir melhor e fazer com que eu tivesse um amor recíproco. São sete e sete da manhã. Talvez seja um sinal, pois foi o momento exato que o meu destino saiu pela porta do prédio. Gritei o nome dele. Ele olhou para cima e eu me deixei cair em seus braços.

Quem dera você encontrasse outra que te perceba como eu percebi. Quem dera eu encontrasse alguém que me percebesse como eu te percebi.

Aqui, finalmente, foi a primeira vez em que me senti vista, observada, percebida. Quando, mesmo pálida e fria, você prestou atenção em mim.

Agora, posso descansar tranquilamente, na paz da certeza de que nunca mais serei sua. Dessa forma, você terá que lidar com as responsabilidades de cativar quem procura ser amada, e as certezas do meu amor por você.